

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de abertura da II Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres

Centro de Convenções Ulysses Guimarães – Brasília-DF, 17 de agosto de 2007

Nilcéia, tem uma coisa importante aqui, que é o seguinte: eu já fiz muita manifestação no Brasil e no mundo. Desde 1969 que eu participo de assembléia. Agora, eu nunca participei de um ato com tanta mulher junto. Se na 3ª Conferência houver um crescimento proporcional demonstrado na 2ª com relação à 1ª, Brasília vai ter que fazer um Centro de Convenções cada vez maior, porque graças a Deus que é assim.

Minha querida companheira Nilcéa Freire, ministra-chefe da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,

Minha querida companheira Marisa,

Aqui, a companheira que falou, representante da sociedade civil, que é a nossa vice-presidente da CUT, ela falou: “Porque até dia 23 as mulheres estarão mandando aqui”. Eu até queria participar desse agrupamento, porque lá em casa a Marisa manda há 33 anos e eu já aprendi.

Quero cumprimentar as senhoras embaixadoras acreditadas junto ao governo brasileiro,

Quero cumprimentar a nossa ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

A Márcia Bassit, interina da Saúde,

A Marina Silva, do Meio Ambiente,

A Matilde Ribeiro, da Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Fernando Haddad, ministro da Educação,

Orlando Silva, ministro do Esporte,

Guilherme Cassel, do Desenvolvimento Agrário,

Companheiro Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República,

E o Companheiro Altemir Gregolin, da Secretaria Especial de Aqüicultura e Pesca,

Quero cumprimentar a senhora Maria José Argaña, ministra do Instituto da Mulher do Paraguai,

Quero cumprimentar a senhora Laura Albornoz, ministra do Serviço Nacional da Mulher do Chile,

Quero cumprimentar Cândida Celeste da Silva, ministra da Família e Promoção da Mulher de Angola,

Quero cumprimentar o governador Antônio Waldez, governador do estado do Amapá, e sua senhora, Marília Góes,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira pernambucana Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar a senhora Ana Falú, representante do Unifem – Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Jaqueline Pitanguí,

Quero cumprimentar a Carmem Helena, que me deu uma colher de chá para poder falar que a Marisa é o que é,

Quero cumprimentar a Lúcia Stumpf – vocês vejam, a UNE está ficando sofisticada, olha o nome, aqui, da nossa presidente. Levanta aí, para as pessoas verem, porque você é nova na direção da UNE. A Lúcia Stumpf, presidente da União Nacional dos Estudantes. Você viu que até a UNE, que sempre teve só homem, agora tem uma mulher. Ainda bem que vocês estão ficando muito fortes e muito organizadas depois que eu passei pela Presidência.

Minhas queridas companheiras delegadas da 2ª Conferência de Política para as Mulheres,

Convidados aqui presentes,

Minha querida companheira Emília Fernandes, que no primeiro governo foi da Secretaria das Mulheres,

Minha querida Benedita da Silva, hoje secretária de Política Social do Rio de Janeiro,

Minha querida Maria da Penha. Se você soubesse como eu usei o teu nome na campanha... E tenho usado muito, ainda, tenho falado para os homens: “(inaudível) para a mulher, Lei Maria da Penha em vocês, não tem

jeito. Tem que tratar com carinho”.

Queria fazer inveja para a Clara Charf: Clara, ontem à noite eu fui à casa do Apolônio visitar a René e, para fazer mais inveja para você, fui jantar com a dona Maria Amélia, mãe do Chico Buarque de Holanda, e o Chico Buarque de Holanda. Colocamos a nossa conversa em dia. E assumi um compromisso com a dona Maria Amélia, que daqui a 3 anos eu vou ao aniversário dela, quando ela completar 100 anos. Hoje está na moda completar 100 anos.

Quero cumprimentar as nossas mulheres que estão aqui, portadoras de deficiência, que estão como cadeirantes aqui, na frente. Hoje eu participei de um ato extraordinário, que foi um ato com os atletas Parapan-Americanos lá, no Rio de Janeiro. Se emoção matasse um coração, eu teria morrido. Porque o que aqueles meninos e meninas estão fazendo no Parapan-Americano, sem que nenhuma empresa privada colocasse um real... A Caixa Econômica é que financiou todo o Parapan-Americano.

Bem, vocês todas vão ficar até segunda-feira. Eu estou dizendo isso porque tem um monte de companheiras que entregou documentos para mim, tem um monte de companheiras que vem dos estados e fala: “Oh, Lula, faz tempo que eu não converso com você, eu queria tirar um retratozinho e tal”. Eu sei que é importante, mas veja, eu estou com um problema, eu tenho que sair daqui correndo para pegar o vôo.

Nilcéa, eu, na verdade, quero ver se na segunda-feira dou uma passada por aqui para poder conversar um pouco, porque eu não acho justo as pessoas virem dos 27 estados da Federação, trabalharem, viajarem e depois a gente vem aqui e nem cumprimenta vocês. Eu quero ver se fico umas horinhas com vocês para ouvir as reclamações que têm para fazer que, muitas vezes, por respeito, não querem fazer publicamente. Mas, no pé da orelha, vão dizer: “Oh, Lula, você precisa cuidar melhor de nós, que a coisa está...” Bem, eu agora... É porque eu tenho que pegar o avião às 21h, senão eu não consigo descer em Congonhas.

No início do nosso segundo mandato, tomamos a decisão de aprofundar as políticas que dizem respeito à promoção da igualdade de gêneros e raça. Essa é uma caminhada repleta de desafios, mas menos árdua, porque não seguimos sozinhos. Estamos caminhando e trabalhando juntos, como

demonstra esta 2ª Conferência Nacional, que chega aqui com a força acumulada de 200 mil vozes femininas agregadas ao longo das estradas que compuseram as conferências municipais e estaduais. Vocês deram continuidade com mais ardor, eficiência e brilhantismo à primeira Conferência, realizada em julho de 2004, da qual tive a honra de participar. Aquela histórica 1ª Conferência gerou bons frutos, o principal deles é o Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, que propiciou inúmeras conquistas em diferentes dimensões para a vida das mulheres, na saúde, na educação, no enfrentamento da violência. Esse Plano não é apenas das mulheres, nem da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, é um plano de governo, para o qual todos os Ministérios precisam contribuir direta ou indiretamente. Mas ele tampouco é um plano apenas de governo. Nosso objetivo é que se torne uma ação permanente do Estado democrático brasileiro.

Sei, e vocês todas sabem, o muito que ainda precisa ser feito, mas precisamos lembrar sempre do tanto que nós já caminhamos e conquistamos. A participação e a intensa mobilização de todas vocês garantiram avanços importantes, avanços esses reconhecidos pelo Comitê para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as mulheres da ONU, por ocasião da prestação de contas periódicas do Estado brasileiro junto ao Comitê. Muito do reconhecimento internacional ao Brasil se deve à Lei Maria da Penha, que tive a honra de sancionar e que, agora, completa um ano de vida. Aproveito a oportunidade para reafirmar o meu compromisso com a plena implementação da Lei. Essa é uma lei que temos que garantir que funcione perfeitamente bem. E reafirmo esse compromisso, fazendo um importante anúncio: estamos lançando, neste momento, o Pacto Nacional pelo Enfrentamento da Violência contra as Mulheres.

Agora, você, minha querida, que veio aqui na frente falar e reclamou do orçamento, escute o que é o Pacto que nós estamos lançando pelo Enfrentamento da Violência contra as Mulheres. Vamos investir quase 1 bilhão de reais, até 2010, na prevenção da violência contra a mulher, na atenção, proteção e garantia dos direitos daquelas que a vivenciaram, e no combate à impunidade aos agressores. Depois, é importante que, durante este Congresso, vocês conversem com a Maria da Penha, porque essa mulher, que quase foi morta, esperou longos 19 anos até que se fizesse justiça, e eu acho

que ninguém precisa esperar 19 anos para fazer justiça, sobretudo quando se é vítima de violência.

Esse Pacto Nacional, coordenado pela Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres, reúne ações, esforços e recursos dos Ministérios da Educação, da Justiça, da Saúde, das Cidades, do Desenvolvimento Agrário, do Trabalho, da Cultura e do Desenvolvimento Social, das Secretarias Especiais dos Direitos Humanos e de Políticas de Promoção da Igualdade Racial, e também das nossas empresas públicas, que precisam colocar a mão no bolso para ajudar as políticas que nós precisamos fazer para melhorar e dar garantia às mulheres brasileiras.

Não tenho dúvidas de que outros parceiros virão: o Poder Legislativo, o Poder Judiciário, o Ministério Público, governos estaduais e municipais, organizações não-governamentais, e muitos outros, porque esta é uma causa não só das mulheres, mas é uma causa que tem que ser assumida por toda a sociedade brasileira. Esses recursos serão investidos em várias ações a serem desenvolvidas em parceria com estados, municípios, Legislativo e Judiciário, entre as quais quero destacar algumas. Primeiro, a criação do Juizado de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher, para a efetiva implementação da lei Maria da Penha; fortalecimento da rede de atendimento às vítimas da violência, com a criação de novas delegacias especializadas no atendimento à mulher; benfeitorias públicas da mulher e casas-abrigo, além do reaparelhamento das unidades já existentes; atendimento às mulheres em situação de violência nos Centros de Referência de Assistência Social, que serão ampliados dos atuais 2 mil para 3 mil em todo o País, até o final do ano; instalação do observatório da lei Maria da Penha para monitorar eventuais dificuldades na aplicação da Lei; e promoção e realização de campanhas educativas de prevenção da violência doméstica e familiar contra a mulher, voltadas ao público escolar e à sociedade em geral, com destaque para aquelas destinadas à população rural.

Quero ressaltar que será dada atenção especial, com a definição de metas específicas, ao desenvolvimento de políticas direcionadas às mulheres negras, em função da situação de dupla discriminação a que estão submetidas e em virtude de sua maior vulnerabilidade social.

Minhas amigas e minhas amigas – hoje, eu não vou dizer “minhas amigas e meus amigos”,

As grandes obras que um governante pode deixar para seu povo não são feitas apenas em asfalto ou de concreto. Um país não é moderno e desenvolvido apenas porque sua economia cresce, e sim porque o crescimento é para todos, sem exclusão e sem a perpetuação de desigualdades históricas, sem preconceito de gênero, raça ou de qualquer outro. Um país é grande, também, quando o Estado e a sociedade estabelecem relações francas, formam uma parceria produtiva rumo a objetivos comuns. Juntos, Estado e sociedade civil, estamos avançando na construção de um País mais justo, menos desigual.

Volto a parabenizar a mobilização de todas vocês, sem a qual, talvez, não alcançássemos tantas conquistas. Esse extraordinário espírito de resistência, criatividade e dedicação das mulheres não é novidade para mim, seja como presidente, seja como cidadão, marido, pai e avô. Não preciso, e acho que nenhum homem deste País precisa recorrer aos livros de história do Brasil para encontrar exemplos de mulheres fortes, batalhadoras. Conheci, ao longo de minha vida, mulheres extraordinárias em todas as classes, regiões do Brasil e movimentos sociais. Tenho especial admiração pelas heroínas anônimas deste País, mulheres que chefiam sozinhas 15 milhões de lares brasileiros, que trabalham duro e que se multiplicam em muitas para criar seus filhos e fazer deles cidadãos de bem, mas que, infelizmente, ainda sofrem violência doméstica, ainda ganham menos do que os homens, ainda ocupam cargos aquém da sua inteligência e capacidade, ainda não têm a representação política que merecem.

Daí a importância desta Conferência, que tem como tema central a discussão sobre mulheres e espaços de poder. O nosso governo, a sociedade e todas as forças democráticas do País esperam muito, mas muito trabalho de vocês. Os resultados que vocês vão obter aqui contribuirão para resgatar a dívida histórica do Brasil para com as mulheres. Estamos no caminho, vamos em frente.

Eu queria, minhas companheiras e meus companheiros – agora falar o nome dos companheiros porque também não podem ser tão minoritários e nem serem citados aqui – dizer para vocês uma coisa. Nós estamos na construção

e no fortalecimento das instituições democráticas deste País, não apenas o Brasil. É só olhar o que aconteceu em toda a América Latina. Há uma mudança substancial na qualidade das pessoas que estão sendo eleitas. Nem todos pensam igual a nós, seja pela direita ou pela esquerda. De qualquer forma, há um avanço ideológico extraordinário. Nós acabamos de ver a Michelle Bachelet falando. E imaginar que, no Chile, que durante tanto tempo foi governado por Pinochet, uma mulher que foi vítima dele iria virar presidente da República, isso é uma obra e uma conquista da democracia.

Agora, nós temos Cristina Kirchner disputando as eleições. Tem a Carrió também na Argentina disputando as eleições. Nos Estados Unidos, Hillary está disputando as eleições. No Paraguai também tem uma ministra da Educação que é candidata à eleição. Eu espero que aqui no Brasil... Isso não é de graça, não, isso é conquista. Isso não é assim, bater palmas e achar que conquistou, não. Isso é muita organização política, é quebrar a casca do ovo e dizer “nós existimos”. Mais do que existimos, “nós queremos”; mais do que queremos, “nós merecemos”; e mais do que merecemos e queremos, “nós vamos conquistar o direito de governar os países do mundo, as cidades”. Até porque vocês são maioria. Agora, é importante lembrar que as coisas não são medidas por maioria e minoria apenas, porque uma maioria não organizada não é maioria, é massa de manobra. Uma maioria tem que ser organizada, politizada e não tem que ter medo de fazer as coisas que nós precisamos fazer.

Quero dizer para vocês que eu tenho motivo de orgulho de sobra para acreditar na força das mulheres. Primeiro, porque vocês sabem o orgulho e a referência que a minha mãe significou na minha vida. Segundo, porque vocês sabem o significado e o papel que a minha companheira Marisa joga na minha vida nesses 33 anos de casamento. Eu acho que tenho tentado fazer um processo de educação, não sei se está certo, companheira Nilcéa. Ontem eu fui inaugurar duas escolas e tentava dizer para as meninas por que elas têm que ter uma profissão, por que é importante elas terem uma profissão. E eu dizia para elas: se vocês tiverem uma profissão, a independência econômica de vocês é a maior liberdade que vocês podem conquistar no Planeta. Se uma mulher não tem uma profissão, ela fica dependente do marido, seja bom ou ruim, fica aturando desaforo, fica ouvindo coisas que não precisa ouvir. Mas se ela for uma mulher que tem uma profissão, se o marido chegar em casa e

empinar o nariz, ela empina dois narizes para ele. E aí é que vai ser a conquista da liberdade.

Mas, mesmo assim, nós sabemos que essa questão da inferiorização é uma coisa cultural e milenar, porque está cheio de gente de classe média, mulheres com profissão que, muitas vezes, são violentadas pelos maridos e não fazem denúncia por vergonha. Nós sabemos o que acontece em muitos lares de bem neste País, que não têm coragem de denunciar. Então, também, não é apenas a profissão, mas ela é um começo extraordinário, uma mulher não precisar do salário do marido é uma coisa extraordinária para o orgulho próprio e também para o dele, porque vai precisar gastar menos o dele. Mas é extraordinária essa relação que se cria entre pessoas que têm independência.

Eu queria terminar, Nilcéa, aproveitando que a Marisa está aqui, ela não gosta que eu fale isso, está preocupada com o horário, mas eu queria dizer uma coisa. Eu acho, companheiras de outros partidos políticos, que o PT foi uma coisa na minha vida que me perturbou muito, porque logo que eu casei com a Marisa, a gente era peão, metalúrgico, então éramos mais grosseiros. Aí começou esse tal de PT, começou essa tal da CUT, essas tais mulheres se movimentando pelo Brasil afora. Aí, às vezes, eu chegava às 11 da noite, estava lá a Marisa para colocar comida para mim, eu achava ótimo. Aí, quando, um dia, ela começou a participar de reunião, não sei se foi uma de vocês que disse para ela, eu chegava em casa tarde: “Amorzinho, tem comida?” Ela dizia: “Está lá no fogão, vai esquentar”. Ou seja, se todas as mulheres fizerem isso, é um processo de educação. Porque está cheio de homens que entram no banheiro para tomar banho e ficam: “Amorzinho, a toalha, amorzinho”. Ora, eu acho que nós ainda estamos longe de conquistar a sabedoria total para fazer a maioria valer como maioria. Não é uma coisa mágica, tem que ter muito trabalho, muita perseverança e também não transformar a luta das mulheres numa coisa rancorosa, numa coisa raivosa. A luta das mulheres tem que ser uma luta tranqüila, com a cara bonita, com a cara boa, com a cara alegre, porque é assim que a gente vai conquistar os espaços. Eu estou falando tudo isso, para ver se a Dilma e a turma de mulheres que trabalham com ela ficam mais tranqüilas na hora das reuniões.

No mais, eu quero dizer para vocês, gente, que Deus abençoe todas vocês, boa sorte neste encontro e até a próxima segunda-feira. Um abraço.

